

SEÇÃO LEITURAS

Olhos Abertos

Eyes Open

Ojos Abiertos

 [Gabriela Cardoso Muniz](#)¹

Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: gabs.muniz@gmail.com

Quando era criança, meus pais me levavam à igreja toda sexta-feira. O lugar ficava no Horto, numa casinha pequena, perto de várias árvores, com cheiro de chuva, mofo e óleo ungido. Íamos até lá, as pessoas brincavam comigo, cantávamos, celebrávamos. Havia um senso de comunidade, um lugar seguro que me trazia alegrias.

Então, presenciei a primeira possessão.

Era uma senhora, devia ter seus 60 e poucos anos. Havia conversado com ela pouco antes do início do culto. Fiquei surpresa, em parte sem entender o que acontecia. Eles perguntavam qual era seu nome. Aparentemente, não gostaram da resposta, pois continuaram a perguntar até que ela se acalmasse e desse a resposta certa. Outra vez, aconteceu com uma amiga da minha mãe. Era sua primeira vez no culto, ela viera conosco. Quando se aproximou da pastora, sua voz mudou. Enquanto a seguravam, ela fazia ameaças, gritava e discutia em uma voz quase gutural. A pastora perguntava a ela seu nome e a mulher não respondia. Novamente, nada de um nome, apenas xingamentos. E de novo, e de novo. Até que, por fim, as vozes cessaram. Como em um passe de mágica (pelo poder de Deus, quero dizer), ela se acalmou. Chorou, sorriu e agradeceu. Sentei no colo do meu pai, assustada, enquanto ele me confortava. Estava com muito medo para poder chorar. E com medo permaneci, pois todas as vezes que fechava meus olhos antes de dormir, logo depois de fazer minhas preces, achava que

¹ Graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestranda de Estudos de Literatura na UFF, em Literaturas de Língua Inglesa. Atua na área de ensino de língua inglesa.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

a próxima poderia ser eu. A viagem de volta foi mais agradável para ela do que para mim.

A partir de então, comecei a ter medo da noite, a suplicar que passasse rápido, assim ficaria livre daquele terror. Sonhava que o Diabo corria atrás de mim, ameaçando me pegar também porque eu era pecadora. “Deus tudo vê”, eles diziam. Todas as mentiras que já contei, todas as vezes que fiquei chateada com alguém, toda malcriação que fiz em casa. Não importa onde estivesse, Ele estava me vigiando. Todo passo em falso que eu fizesse me deixava mais longe do caminho Dele. Não estava, nem nunca estaria, segura.

Toda sexta-feira eu ficava apreensiva, com medo de enxergarem meus pecados ocultos e dizerem que eu seria a próxima. Uma vez, passei mal a semana inteira e pensei “É o Diabo. Deus sabe que fiz algo de errado”. A pastora pôs a mão na minha cabeça, disse que ficaria tudo bem e que eu iria melhorar. Recebi muitas bênçãos, todos ao redor rezaram por mim. Nunca senti tanto alívio na minha vida. No dia seguinte, já estava melhor. Minha mãe disse que era um milagre, meu pai falou que Deus iria ficar ao meu lado. Era uma bênção e uma maldição. Ele sempre estaria lá, tanto para cuidar de mim, quanto para me julgar. “Os olhos do Senhor estão em toda parte, observando atentamente os maus e os bons”, costumavam dizer. Então, enquanto eu fosse boa, estaria salva. Não vista estas roupas, não fale de tal forma, não se comporte assim, não pense nisso. Seja boa.

Pouco depois, foi a vez da minha mãe. Ela não gritou como a amiga da minha mãe, mas se contorceu, tão grotesco quanto em um conto de terror. Quis sair correndo, mas tive medo de que Deus visse e me punisse. Permaneci observando até minha mãe estar, por fim, livre — até quando? Ao final, uma senhora ao meu lado segurou na minha mão. Por uma fração de segundos, me senti reconfortada. Ela olhou para mim, com uma expressão decidida no rosto, apontou para minha mãe, que estava sentada, conversando com outras pessoas do culto, e pediu para que eu perguntasse seu nome. Caminhei até lá, ciente de cada movimento que fazia, Deus enxergando cada um de meus passos. Minha mãe então sorriu para mim. Apenas a abracei. Não tive coragem de perguntar aquilo, pois não queria descobrir a resposta. Foi aí que finalmente chorei. Para me acalmar, meus pais me levaram para passear entre as árvores, que lembravam a floresta em que eu brincava quando ia ao trabalho do meu pai. O ar úmido e limpo me acalmou e, pela primeira vez em muito tempo, me senti reconfortada.

Deixei de frequentar aquela casinha aos dez anos, mas não perdi a sensação de que Deus

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MUNIZ, Gabriela Cardoso. Olhos Abertos. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 11, nº 24, e112406, 2024.

Submissão em: 11/12/2023. Aceito em: 08/02/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

estava sempre me observando o tempo todo, à espera de um deslize. Mudei de Igreja, tentando minha sorte com o catolicismo. Fiz comunhão, estudei a Bíblia e suplicava todos os dias para que Deus perdoasse os meus pecados. Continuei rezando durante muito tempo, suplicando, suspirando, gemendo e chorando, até que um dia esqueci de rezar. Comecei a esquecer gradativamente, até parar por completo. Não deixei de temer a Deus, contudo. Pelo contrário, sentia ainda mais medo, tanto medo que mal conseguia entrar em uma igreja por pensar que alguém iria até mim e enxergaria o meu eu interior, percebendo que eu sou uma pecadora. Vivia em um estado de horror, sempre na expectativa de descobrir, de repente, que o demônio andava lado a lado comigo. Então, apenas deixei de falar sobre isso, na esperança de que, se eu guardasse para mim, um dia aquele medo desapareceria. Se Deus conseguia até ouvir meus pensamentos, simplesmente pararia de pensar. Contudo, descobri tanto pela minha vivência quanto pelos meus estudos que nunca podemos deixar o passado para trás.

Quando era adolescente, ouvi falar sobre a caça às bruxas que aconteceu há séculos atrás, mas só fui realmente me interessar pelo ocorrido alguns anos mais tarde, na minha maioridade. Após mais uma noite de insônia cercada pelo medo, pesquisei sobre o que havia, de fato, ocorrido durante aquele período. Li sobre os episódios que se passaram nos Estados Unidos enquanto colônia, no Condado de Essex, sobretudo em Salém. Mais de trinta vítimas, a maioria mulheres. Eram vítimas de uma perseguição religiosa feita pelas classes dominantes vinculadas à Igreja, motivada por questões políticas em uma sociedade em transição. Não conseguia entender como aquilo poderia ter acontecido com tantas, como o corpo feminino, responsável pela vida, era associado ao pecado e ao demônio.

Lembro-me de ver fotos de Salém, debruçando-me sobre aquela sociedade e sua cultura. Descobri que, assim como eu, eles também sentiam o peso dos olhos de Deus a os vigiarem a todo instante. Assim como eu, eles também sentiam uma culpa constante, um medo do pecado enrustido em seus âmagos, a ponto de viver dia após dia como se viver fosse pecado. E era. O pecado original. *In Adam's fall, we sinned all* [Na queda de Adão, todos pecamos]. Nossa vivência na Terra não passava de uma tentativa de obter redenção pelo simples fato de vir ao mundo. Isso me fazia pensar que, às vezes, era melhor sequer ter vindo ao mundo. Por isso fazia-se necessário controlar cada momento dos nossos dias, controlar os corpos, os desejos, os

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MUNIZ, Gabriela Cardoso. Olhos Abertos. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e112406, 2024.

Submissão em: 11/12/2023. Aceito em: 08/02/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

*Goodmen, as Goodywives*². Controlar as mulheres.

Mas então, eu descobri a floresta. A floresta em que as bruxas se encontravam para adorar o demônio. A floresta era o ponto cego, geradora de medo e, ao mesmo tempo, de admiração. Sublime. Lá havia a imensidão e o desconhecido, o limite entre o que os povos europeus consideravam civilização e selvagem. Aquele grupo de mulheres ia até a fronteira, fugindo das regras da sociedade. A floresta era o lugar da mãe Natureza, com seu corpo feminino, seu dom de dar vida. E, do outro lado, havia o desejo incessante dos colonos de dominá-la. Enquanto em suas vilas mantinham-se as regras sociais e junto com essas a culpa e a vigilância, dentro da floresta aquelas mulheres perdiam o medo do julgamento. Era lá que aconteciam as transgressões de valores sociais e culturais, uma não conformidade com o modo de vida que tinham de levar. Era em meio às florestas que o Diabo aparecia porque este era um lugar livre dos olhos de Deus. Livre das regras pungentes da sociedade. Livre.

E foi aí que eu entendi como aconteceu aquela perseguição. Os motivos pelos quais diziam que o Diabo poderia se apossar do seu corpo a qualquer momento, do corpo das mulheres. A desconfiança das pessoas em seu entorno, até de quem era mais próximo a você. O controle social, vinculado à impossível tarefa de ser bom a todo tempo. E, a partir da História, surgiu o mito. E, com esse mito, veio a identificação. Talvez aquelas bruxas fossem como eu. Talvez não conseguissem ser boas, pelo menos não segundo o conceito de bondade que a elas era imposto. Talvez estivessem com tanto medo que procuraram um lugar para que pudessem, enfim, sentir-se seguras e, em meio ao desconhecido, conhecerem a si mesmas. Pela primeira vez na minha vida, senti que pertencia a algum lugar. A um lugar que não conhecia, um lugar físico que vira apenas através de fotos, mas que possuía um sentido mítico para mim. Uma aproximação com uma cultura que não era a minha, mas que estava mais próxima do que havia imaginado.

Hoje em dia, já não fico mais nervosa ao entrar em uma igreja. Transito pelos corredores, admiro os vitrais, aprecio a grandiosidade. Sei que a Igreja também possui seus pecados escondidos por trás daquela fachada admirável. Sei que o sangue jorrado não foi só o de Jesus. O Diabo que carregava ao meu lado foi embora no momento em que deixei de temê-

² Ambos os títulos eram usados pelos puritanos como pronome de tratamento, assim como senhor e senhora.

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

lo. Podem me vigiar, apontar o dedo e listar os meus pecados. Não tenho mais medo, pois sei que há a floresta, a floresta onde estarei livre dos olhos de qualquer um. Conheço as mulheres libertas da opressão, mesmo que apenas por um curto período, dançando na floresta, celebrando sua feminilidade. As mulheres que morreram somente pela ganância de pessoas que dizem temer o olhar de Deus.

Quando meus pais me levaram para passear por entre aquelas árvores, não sabiam o quanto aquela cena se tornaria libertadora para mim mais tarde. Aquela era a minha floresta. Partindo do que li sobre Salém, encontrei na natureza do Rio de Janeiro um abrigo. Finalmente, conseguia me sentir segura na minha morada, no meu corpo, no meu âmago. Descobri que não havia problema em possuir um íntimo de impossível acesso externo. Entendi que a vida não deveria se resumir a uma constante tentativa de se desculpar por algo que não era sua culpa, pois a vida não é culpa. Foi nessa fronteira que, após uma vida inteira, consegui fechar os meus olhos de noite sem medo, tendo a certeza de que assim que os abrisse pela manhã, meu nome, meu corpo e minha liberdade pertenceriam somente a mim.